

Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC: análise de editoriais da revista *Ciência Hoje*

(Dialogism and answerability in the SBPC's speech: an analysis of *Ciência Hoje* Magazine editorials)

Luiz Rosalvo Costa

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

luizrosalvo@uol.com.br, luiz.rosalvo.costa@usp.br

Abstract: This paper aims at identifying the mechanisms and processes by which the speech of the SBPC—Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Brazilian Society for the Advancement of Science) is constituted in *Ciência Hoje* Magazine editorials (dialogically and responsively) by the interaction with other speeches in circulation in the context where it is created and produced. The study focuses on one of its first editorials, explores the hypothesis that the magazine, created at the beginning of 80's in a discursive context marked by intense politicalization, corresponds to a responsive act by which SBPC attempts to affirm its position on the issues discussed in the great dialogue in Brazilian society. Its view reflects and refracts, in its utterances, the most important ideological-discursive positions in interaction and in dispute in the Brazilian discursive panorama which, under different appreciative emphases, will integrate the elements that compose the magazine editorials.

Keywords: Speech. Linguistics. Dialogism. Answerability. Bakhtin Circle.

Resumo: Este artigo busca identificar, a partir de categorias formuladas pelo Círculo de Bakhtin (como *dialogismo*, *responsividade* e, especialmente, *enunciado*), mecanismos e processos pelos quais o discurso da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) materializado em editoriais da revista *Ciência Hoje* constitui-se (dialógica e responsivamente) pela interação com outros discursos em circulação no contexto em que ela é criada e produzida. Focalizando um dos seus primeiros editoriais, o artigo explora a hipótese de que a revista, criada no início dos anos 80 em um contexto discursivo marcado por intensa politização, corresponde a um ato responsivo por meio do qual a SBPC procura afirmar sua posição diante das questões em pauta no grande diálogo travado na sociedade brasileira, refletindo e refratando nos seus enunciados as mais importantes posições ideológico-discursivas em interação e disputa no panorama discursivo do país, as quais, sob diferentes acentos apreciativos, vão se incorporar aos elementos que compõem a arquitetura dos editoriais da revista.

Palavras-chave: Discurso. Linguística. Dialogismo. Responsividade. Círculo de Bakhtin.

Introdução

Orientado pela teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, o presente artigo aborda o discurso da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) materializado na revista *Ciência Hoje*, examinando, como uma amostra de seus enunciados, o editorial publicado na edição de número 11, de Março/Abril de 1984, com a intenção de identificar procedimentos por meio dos quais esse discurso se constitui (dialógica e responsivamente) em interação com outros discursos presentes no panorama ideológico da sociedade brasileira na década de 1980.

Organizando-se em torno das noções de *dialogismo* (que remete, essencialmente, à ideia de que o discurso é interiormente constituído *na* e *pela* interação com outros discursos) e *responsividade* (referida à propriedade do enunciado de se organizar como resposta a outros enunciados, reais ou virtuais, em circulação no contexto discursivo), a

análise é empreendida a partir do entendimento, proposto pelo Círculo de Bakhtin, de que o enunciado concreto é o espaço de encontro entre a língua e a realidade histórico-social: “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 2000 [1952-1953], p. 282).¹

Nessa perspectiva, o *enunciado*, enquanto unidade da comunicação discursiva, constitui um elo na cadeia verbal da sociedade e, não obstante ser construído sobre as relações lógicas previstas pelo sistema linguístico, é o *locus* privilegiado de manifestação do que o Círculo de Bakhtin chama de *relações dialógicas*, entendidas como processos por meio dos quais o discurso de um sujeito, ao se dirigir para um determinado objeto de sentido, encontra-se, de diferentes maneiras, com outros discursos também dirigidos para o mesmo objeto e, nesse encontro, estabelece com eles relações (de concordância, de polêmica, de confronto etc), incidindo não apenas sobre o objeto mas também sobre esses outros discursos.

Essas relações traduzem, assim, o fato de que todo discurso

encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já descreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhões de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2002 [1934-35], p. 86)

O conceito de *relações dialógicas* consiste, por isso, na base dos procedimentos analíticos usados aqui para identificar e descrever os processos dialógicos que se manifestam no editorial em exame. Embora cunhada por Bakhtin (2008 [1963]) nos quadros do estudo da obra de Dostoievski, essa noção extrapola o campo dos estudos literários e, desdobrando facetas do dialogismo, assume importância central na discussão do projeto bakhtiniano de uma nova disciplina de estudo da linguagem. Segundo esse enfoque, as relações dialógicas estão para o discurso assim como as relações lógicas e concreto-semânticas estão para a língua, e enquanto estas representariam o objeto da linguística, aquelas constituiriam o objeto dessa nova

¹ No caso do Círculo de Bakhtin, indico entre colchetes, após o ano de edição, o ano de produção e/ou reelaboração do texto, a fim de assinalar o seu lugar no percurso da obra.

disciplina, a metalinguística, dedicada ao estudo da linguagem na sua dimensão discursiva.²

Desse modo, as relações dialógicas são a forma privilegiada de realização do dialogismo e da responsividade que, inscritos no discurso, exprimem sua índole bivocal, ou seja, sua propriedade de se dirigir, a um só tempo, para o seu objeto e para o discurso do outro.

Com base nesses postulados, são destacadas para a análise aqui desenvolvida, dentre as formas de manifestação dialógica apresentadas por Bakhtin (2008 [1963], p. 228-229), as seguintes:

1) *Polêmica velada*, em que o discurso está, como qualquer outro, orientado para o seu objeto, mas “qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto”, configurando uma situação em que, “orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro” (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 224).

2) *Réplica dialógica*, que, análoga à polêmica velada, consiste na correspondência e antecipação ao discurso do outro:

Todas as palavras que nessa réplica estão orientadas para o objeto reagem ao mesmo tempo e intensamente à palavra do outro, correspondendo-lhe a antecipando-a. O momento de correspondência e antecipação penetra profundamente no âmago do discurso intensamente dialógico. É como se esse discurso reunisse, absorvesse as réplicas do outro, reelaborando-as intensamente. (BAKHTIN, 2008 [1963], p. 225)

Assinale-se que tais procedimentos, sendo de natureza eminentemente discursiva, não se dão a apreender exclusivamente por traços visíveis na superfície linguística, mas, posto que resultam da combinação de elementos verbais e extraverbais, remetem, via de regra, aos nexos do enunciado com a memória coletiva, o contexto discursivo e suas ideias-força.

Além desses procedimentos, sobre os quais preferencialmente se debruça a análise, são ainda contemplados, quando pertinentes à abordagem dialógica, outros procedimentos, mesmo que voltados para a superfície verbal, entre os quais podem se mencionar o discurso citado e as formas de apresentação e de retomada de referentes.

***Ciência Hoje* no contexto discursivo da década de 1980**

Trabalhando com esse referencial, a análise é conduzida pelo juízo de que o discurso da revista *Ciência Hoje* se constitui dialogicamente em um contexto (cujas linhas principais são definidas durante a segunda metade da década de 70 e anos iniciais da década de 80) no interior do qual estão se travando decisivos embates discursivos a respeito do destino político, econômico e social do país, bem como acerca do lugar reservado ao povo nesse destino. Matrizes discursivas autoritárias, identificadas predominantemente com forças políticas (cuja expressão máxima é a própria ditadura

² Sobre o projeto da metalinguística na produção bakhtiniana, ver, por exemplo, Souza (1999), além, é claro, de Bakhtin (2008 [1963]).

militar) para as quais a sociedade é pensada como *objeto* da ação de outros sujeitos, disputam o universo discursivo com outras matrizes que, embora divergentes, têm em comum a contraposição à ditadura, compreendendo desde a defesa da “redemocratização”³ (entendida como reabertura de canais institucionais de manifestação dos diferentes atores sociais e reconstrução de um Estado de Direito em que sejam assegurados à população o exercício de liberdades fundamentais e o atendimento a necessidades e direitos básicos) até o projeto de ruptura revolucionária do sistema estabelecido, rumo ao socialismo, passando, também, pelas propostas de transformação comprometidas com a reorganização da sociedade de baixo para cima, sob a égide da democracia de base, do controle direto e da ação direta do povo.

Lançada na 34ª reunião anual da SBPC-Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Campinas/SP, em julho de 1982 (portanto, em pleno desenrolar desses embates discursivos), *Ciência Hoje* é interpretada neste trabalho como expressão de um ato dialógico por meio do qual a SBPC, articulando determinações da sua própria história com as injunções da realidade histórico-social, busca afirmar ante o grande diálogo travado na sociedade brasileira no período uma posição concernente tanto à divulgação da produção científica no país, quanto às relações da ciência e dos cientistas com o *cidadão comum* e a população *em geral*, refletindo e refratando, nesse processo, as mais importantes posições ideológicas em interação e disputa no panorama discursivo do país, as quais, sob diferentes acentos apreciativos, vão se incorporar de diversas formas a elementos de composição da revista e de seus enunciados.

Nesse processo, é justamente nos editoriais (entre todos os gêneros manuseados na revista) que encontra terreno propício para manifestação o intuito discursivo da SBPC de, participando ativamente do debate em que se discutem os rumos econômicos, políticos e sociais do Brasil, apresentar ao assentimento do *público em geral*, suas teses a respeito da importância da ciência e dos cientistas no desenvolvimento do país. Em vista desse intuito discursivo, os editoriais de *Ciência Hoje* assumem, especialmente nos seus primeiros anos, um importante papel de interlocução, constituindo-se em ponto de intersecção de diferentes esferas de atividade e de interação verbal: jornalística, científica, política, educacional etc. Por isso, é sobretudo neles que, graças a determinadas particularidades do gênero, podem se observar com certa nitidez alguns nexos relevantes entre o discurso da SBPC e a realidade histórico-social.

A hipótese explorada aqui é a de que, ao longo dos anos 80, esses nexos são produzidos a partir de dois impulsos organizadores básicos: em primeiro lugar, a *política*, cujo cerne é a ideia, socialmente valorizada e muito disseminada naquele momento, de que a reorganização do país passa necessariamente pela redefinição das relações Estado-Sociedade e dos processos políticos de decisão, supondo a discussão pública dos negócios da *polis*; e, em segundo lugar, a *retorização*, representada pelo uso intensivo, no discurso da revista, de procedimentos argumentativos cujo horizonte é a persuasão dos destinatários e a sua consequente adesão às teses em cuja defesa a SBPC se posiciona.

Tais impulsos constituem os principais liames pelos quais os editoriais de *Ciência Hoje* ligam-se à atmosfera que, sob o impacto da onda movimentalista

³ As aspas têm aqui o propósito de assinalar que, no contexto em exame, *redemocratização* é um signo sob polémica, visto que, propondo restabelecer a democracia (pressupondo, portanto, a existência dela anteriormente), o termo produz o apagamento das vozes para as quais a profusão de golpes e contragolpes na história política do país seria uma demonstração de que nunca existiu, de fato, uma real democracia, razão pela qual o correto seria falar, nesse momento, quando muito, em *democratização*.

deflagrada na década anterior, toma conta da sociedade nos anos de 1980 e invade praticamente todas as esferas da comunicação verbal, fazendo com que pequenas e grandes questões (política econômica, organização sindical, distribuição de renda, desigualdade social, condição feminina, arte, sexualidade, futebol, meio ambiente etc.), muitas delas antes adstritas às fronteiras de segmentos sociais específicos, assomem às ruas e pleiteiem o estatuto de interesse geral, reivindicando, por extensão, a configuração de um espaço público em que possam se apresentar à discussão e ao debate.

No embalo dessa publicização da vida política e social é que, de um lado, firma-se a ideia de que os problemas, os dilemas e as soluções relativas aos rumos do país devem ser objeto de discussão e de debate públicos, enquanto, de outro lado, *democratização, participação, direitos e cidadania* vão se tornando as mais importantes referências ético-políticas do contexto discursivo, impondo-se como objetos do dizer praticamente obrigatórios, acerca dos quais proliferam enunciados em cujo território se encontram e/ou se confrontam as principais posições político-ideológicas em interação e disputa na sociedade.

Engendrados por essa atmosfera, esses dois impulsos (a retorização e a politização), indo ao encontro de aptidões próprias do editorial enquanto gênero, vão se amalgamar de modo indissociável à sua forma composicional, conteúdo temático e estilo e, deste modo, concorrer para imprimir nos enunciados desse tipo determinadas formas de articulação do querer-dizer do sujeito com o contexto discursivo.

É sob essas condições que se estabelecem as relações dialógicas do discurso da SBPC com outros discursos presentes na sociedade brasileira no período e é, portanto, nesse quadro que se dá, no território dos editoriais da revista, o diálogo entre as principais posições ideológicas em circulação no fluxo interdiscursivo.

Exclusivamente para fins de análise, essas posições são, neste artigo, esquematicamente agrupadas em quatro grandes blocos. Baseada na consulta a estudos acerca do período,⁴ esta divisão não tem, naturalmente, a pretensão de esgotar a variedade de posições ideológicas existentes no contexto discursivo em exame, mas procura apenas, em face dos objetivos do estudo aqui desenvolvido, delimitar aquelas que de modo mais frequente se fazem representar no discurso de *Ciência Hoje*. Uma vez que, ao lado da *retorização*, um dos traços mais fortes do contexto discursivo em foco é a *politização*, o principal critério utilizado para a distinção desses blocos é o modo como as posições ideológico-discursivas neles compreendidas veem a organização política da sociedade e as relações do povo com o poder.

Adotado esse recorte, podem se agrupar as principais posições ideológicas presentes no fluxo interdiscursivo da sociedade brasileira dos anos 80 nos seguintes blocos:

1) *Autoritário-tutelar*. Identificado basicamente com a ditadura e a tecnocracia, este bloco tem como um dos seus eixos ideológicos a noção de que a sociedade, naturalmente dividida em inferiores e superiores, deve ser tutelada, cabendo obviamente aos superiores, em face da sua indiscutível competência e maior capacidade, a condução dos negócios e dos destinos do país, promovendo a sua estabilidade e protegendo-o das ameaças ao seu desenvolvimento, mesmo que para isso seja necessário, às vezes, remover os obstáculos por meio da força e neutralizar de forma definitiva os opositores,

⁴ Entre os vários estudos que serviram de base para a reconstituição desse período, destaco o de Sader (1988) e o de Doimo (1995).

sobretudo aqueles cuja ação explicita ou incite ao conflito e coloque em risco a unidade do todo social. Daí o modo bem particular com que, muitas vezes, a defesa da democracia e da cidadania aparece nos enunciados patrocinados por esse bloco, posto que, da sua perspectiva, noções como direitos e participação têm muito mais a ver com a transigência dos governantes do que propriamente com prerrogativas dos governados. Os recortes de enunciados a seguir ilustram essa posição, que, nos anos 1980, está sob forte ataque de outras posições político-ideológicas:

O governo, do mesmo passo que oferece seus bons ofícios às partes em litígio e propugna as justas reivindicações do operariado, pede a colaboração de todos e pondera que não há lugar, entre nós, para a luta de classes. Portanto, agirá em consequência contra os movimentos atentatórios à lei, à paz e ao bem comum nacional (Murilo Macedo, ministro do Trabalho, em “Sindicalismo deve ser apolítico”, *Folha de S. Paulo*, 24/04/1979).

[...]

Pediram-me democracia e eu disse que ia fazer desse país uma democracia. Pediram-me anistia e ao afirmar eu que ia dar anistia a mais ampla possível, chamaram-me de mentiroso. Pediram-me liberdade de imprensa e aí está a imprensa para dizer o que entende e o que não entende. Através dela, os adversários do meu governo têm livre a palavra para me atacar [...] Continuem duvidando as oposições da minha palavra e eu continuarei com fatos e com atos a fazer aquilo que o povo me pede (general João Baptista Figueiredo, presidente da República, em “Oposição mente”, *O Estado de S. Paulo*, 05/03/1982).

2) *Legal-representacionista*. Identificado principalmente com a oposição institucional ao regime militar, este bloco, que se autorrepresenta como o mais importante e autêntico agente da democratização, em grande medida retoma sob novas formulações o ideário nacional-burguês proveniente da Revolução Francesa, defendendo um Estado de Direito sustentado por uma estrutura institucional pela qual se assegure ao povo (ou à sociedade civil, ou, às vezes, à nação) o atendimento a necessidades e direitos básicos, incluindo o de escolher seus representantes e governantes. Embora também contemple a ideia de que a sociedade seja, por definição, desigual e composta pelos que dirigem e pelos que são dirigidos, propõe que é direito dos de baixo escolher os de cima, e, no contexto em foco, é um dos principais propagadores do discurso da participação. No tocante ao papel do conflito na vida social, o bloco comporta desde as visões para as quais a sociedade é um todo compacto e harmônico, sujeito apenas ocasionalmente a turbulências desagregadoras, até aquelas que, em um viés republicanista, veem a sociedade como constituída, por natureza, pelo confronto de interesses, que devem ser regulados por meio de canais institucionais de manifestação, a fim de que não se tornem nocivos à integridade do todo social. Eis abaixo alguns recortes de enunciados em que se manifesta euforicamente essa posição, defendida nos anos de 1980 por sujeitos como ABI, OAB, algumas alas do PT, setores da Igreja Católica e do PMDB (mais tarde, também do PSDB e de outros partidos):

Três são as diretrizes básicas de nosso programa de governo: democratização, moralização, prioridade para o atendimento das necessidades básicas da população. 1. Para democratizar as decisões e a administração é necessário promover a “descentralização” e apoiar a “participação” da comunidade. A democracia moderna não se esgota no voto, mas envolve a participação permanente da cidadania na solução dos problemas coletivos [...] A população é que conhece melhor seus problemas e, em seus múltiplos segmentos, tem o direito de participar nas decisões que lhe dizem

respeito. É por isso, também, que teremos representantes de empregados e usuários na direção das empresas do Estado (Franco Montoro, senador da República, em “Chegou a hora de mudar”, *Folha de S. Paulo*, 18/04/1982).

3) *Basista-diretista*. Este bloco, cuja maior afinidade é com a já referida tendência disruptiva do movimento popular em seu auge, assenta-se, entre outras coisas, na crítica da hierarquia e da representação, dada a tendência de distanciamento e mesmo antagonismo entre representantes e representados e entre cúpula e bases da sociedade. Entende que esta, até então organizada e conduzida de cima para baixo, deve ter essa ordem invertida e ser, por consequência, organizada de baixo para cima. Sustenta que o povo, portador da capacidade de produzir riqueza, cultura, conhecimento etc., deve se organizar em estruturas nucleares e, a partir daí, defender de forma independente os seus interesses, interpelando diretamente o Estado, tomando suas decisões e fazendo suas escolhas autonomamente, por meio de mecanismos de ação e de manifestações diretas, como assembleias, conselhos e outras estruturas organizativas capazes de garantir o respeito à vontade das bases. O acento eufórico incide sobre esta posição especialmente nos enunciados de setores do movimento popular, do movimento sindical, da Igreja Católica e de organizações e partidos políticos de esquerda, entre eles o PT. Vejam-se, como exemplos, alguns recortes:

[...] A CUT luta para construir novas estruturas e mecanismos capazes de possibilitar e garantir conquistas que sejam do interesse da classe trabalhadora [...] A CUT terá como tarefa garantir a independência da classe trabalhadora com relação aos patrões, ao governo, aos partidos políticos e aos credos religiosos [...] A CUT desenvolverá todo o empenho para a conquista da organização por local de trabalho. A criação, consolidação e fortalecimento desses organismos de base devem ser desenvolvidos de forma livre e independente pelos trabalhadores em todos os seus locais de trabalho, tanto na cidade como no campo. (*Almanaque da CUT*, Julho de 1986)

[...] Se realmente os trabalhadores devem participar e lutar por sua representação na Constituinte, desde já devem ter claro que não serão leis, não serão cartas constitucionais que garantirão a liberdade dos trabalhadores [...] A plena liberdade, a liberdade sólida dos trabalhadores se constrói nos locais de trabalho, se constrói na organização dos trabalhadores nas fábricas, nos bancos, nas plantações, nas usinas, se constrói em cada comando de greve que se consolida, se constrói em cada comitê de trabalhadores que no interior da própria empresa capitalista começa a questionar o poder dos patrões. É da dualidade de poder, nos próprios locais de trabalho que os trabalhadores construirão a sua liberdade, construirão o seu poder, o poder dos conselhos do proletariado. (“Nova República, a nova forma de autoritarismo de classe”, em *Contracorrente* nº 2, Agosto de 1985)

Veja-se também este depoimento, reforçando essa caracterização:

O novo modo de ser da Igreja que vai aos poucos ganhando um rosto concreto nas Comunidades Eclesiais de Base tem na participação ativa dos leigos um de seus elementos mais significantes [...] Os leigos encontram, nas pequenas comunidades, condições para o seu crescimento [...] Possuem a Palavra, criam símbolos e reinventam a Igreja com materiais da base [...] Esta emergência dos leigos como portadores de um potencial evangelizador implica uma reestruturação do eixo eclesial em bases mais igualitárias. (TEIXEIRA, 1988, p. 130-131)

4) *Revolucionário*. No caso dos discursos deste bloco, há uma recusa da forma de organização política e social vigente sob o modo de produção capitalista. Por isso, a

ênfase recai sobre a necessidade de a organização da sociedade (em particular dos trabalhadores e das camadas populares) assumir um caráter classista e ser orientada para a superação do capitalismo, responsável pelas misérias e sofrimentos impostos à vida humana, em decorrência da sua estrutural impossibilidade de satisfazer as reais necessidades dos homens e da sua vocação para converter os avanços e conquistas da humanidade em mecanismos de acumulação do capital. Por isso, democracia e cidadania, identificadas com a sociedade burguesa, recebem acentos valorativos negativos em muitos dos enunciados do bloco, produzidos, nos anos 1980, principalmente por sujeitos de setores do movimento sindical, de correntes do PT e de outras organizações de esquerda. Eis alguns exemplos:

[...] Esta política imperialista das liberdades democráticas formais nos abre um espaço para a organização dos trabalhadores, o que não impede que tenhamos que lutar arduamente contra ela, impondo ponto por ponto a livre atuação dos socialistas, que evidentemente não cabem no Plano Carter ou no de qualquer burguesia nacional latinoamericana. (“Um passo adiante”, em *Convergência Socialista* nº 5, 2ª quinzena de novembro de 1979)

[...] Hoje, no Brasil, os “sábios” dirigentes em nome do atraso das massas, em nome de uma pseudoinfância das massas, colocam a questão do poder em termos burgueses, em termos formais: Diretas ou Colégio. Colégio, os stalinistas e o PMDB; Diretas, os centristas de todos os matizes aglutinados no PT. (“Nem colégio nem diretas”, em *Contra corrente* nº 1, Outubro de 1984)

Ressalve-se que, tratando-se de construtos analíticos, nem sempre se encontram na realidade discursiva exemplos “puros” das posições discursivas correspondentes a esses blocos, sendo comum, ao contrário, que elas se interpenetrem e se misturem, dialogicamente, no corpo e na estrutura dos mais diferentes enunciados.

É, portanto, no interior de um fluxo interdiscursivo povoado por discursos assediados e atravessados por essas posições que os editoriais de *Ciência Hoje* vão, ao longo da década de 1980, estabelecer relações dialógicas, seja de concordância, seja de polêmica, constituindo-se eles próprios, nesse processo, em territórios de manifestação e luta das referidas posições, as quais vão não apenas condicioná-los de fora, mas também, de forma literal ou transfigurada, incorporar-se interiormente aos elementos de sua composição.

Relações dialógicas no discurso de *Ciência Hoje*

Produzido na edição de mar/abr de 1984 (portanto, no calor dos embates da campanha das Diretas-Já), o enunciado reproduzido na próxima página ilustra exemplarmente como, no discurso de *Ciência Hoje*, o querer-dizer do sujeito do sujeito, sob a mediação das prescrições e potencialidades do gênero editorial, articula-se às determinações e condicionamentos da realidade histórico-social e do contexto discursivo correspondente.

Nele se veem, nitidamente, o cunho opinativo, a função apresentativa, a concisão, a simplicidade estrutural e o caráter proselitista (elementos de composição do gênero) colocados a serviço da realização do intuito discursivo do sujeito em um enunciado estruturado sobre um eixo dicotômico que opõe, de um lado, as posições ideológico-discursivas associadas ao regime militar, polemicamente desqualificadas, e, de outro lado, as posições ideológico-discursivas do campo progressista, as quais,

euforizadas na qualidade de oposição à ditadura, estabelecem entre si relações não apenas de concordância mas também de antagonismo.

O editorial é clivado, assim, por uma linha que o divide em um universo povoado de objetos e discursos referidos positivamente (em particular a ciência, os cientistas, os segmentos sociais engajados na luta pela democratização do país) e outro habitado por objetos e discursos referidos negativamente (em um primeiro plano, a ditadura, mas, em outros níveis, também aqueles discursos que, mesmo opostos ao regime militar, não se alinham com certas posições predominantes no discurso do sujeito).

Tanto o campo euforizado quanto o disforizado recebem esses acentos por meio, entre outras coisas, de procedimentos de referência e de retomada ancorados nas ideias-força do contexto-discursivo. Por isso, logo no início, a SBPC é colocada no grupo das entidades, organizações, associações e entidades de classe, numa enumeração em que se ilumina principalmente a dimensão coletiva dos elementos que a integram, avaliando positivamente, assim, tanto a posição do sujeito, alinhado com as bandeiras do bloco legal-representacionista, quanto as posições do bloco basista-diretista, que, como sabemos, fazia das ações e decisões coletivas uma das suas principais bandeiras. O restante do editorial é, então, pontuado por procedimentos desse tipo, entre os quais cabe destacar:

CIÊNCIA HOJE

AO LEITOR

Caro leitor:

A exemplo de outras entidades, organizações, associações e sociedades de classe, a SBPC resolveu tomar posição em favor do restabelecimento imediato das eleições diretas para a presidência da República. Ao fazê-lo, não abdica de sua postura de intransigente afastamento de toda e qualquer atividade político-partidária, e nem supõe que esta mudança possa vir a resolver, num passe de mágica, os graves problemas por que o país vem passando. Todavia, ingressa na luta pelas diretas cônica de seu significado enquanto manifestação de reencontro da nação consigo mesma.

O desenvolvimento da ciência no Brasil está hoje seriamente ameaçado por questões de natureza econômica e financeira. No entanto, a SBPC bem sabe que o fundo desses problemas é outro, e que mesmo a abundância de recursos — caso existisse — não seria por si só garantia de boa ciência. A escassez de recursos para as atividades científicas é apenas mais um dos frutos de uma política em que o autoritarismo e a falta de apoio efetivo por parte da sociedade levaram a um afastamento da realidade mal encoberto pela arrogância tecnocrática.

Não faltaram advertências da comunidade científica quanto aos equívocos da política do governo — como foi o caso, notoriamente, do malogrado e dispendioso programa nuclear. Mas os cientistas, como outros segmentos sociais, não foram ouvidos; nem quando defendiam seus legítimos interesses e nem, muito menos, quando buscavam resguardar os interesses nacionais em matéria de sua competência específica. E não se pode dizer que isso seja coisa do passado, já que neste momento vem sendo negociado um empréstimo junto ao Banco Mundial para a área de ciência e tecnologia que é tratado como mais uma injeção de dólares, sem que suas finalidades precípuas, sua oportunidade, os critérios de sua aplicação e seus efeitos reais sobre o desenvolvimento global da ciência e da tecnologia no país sejam adequadamente discutidos com a comunidade científica.

Urge buscar as bases para a legitimação do processo político. Urge procurar um sentido maior que reúna a nação na construção de uma sociedade em que todos se sintam participando e colaborando em algo que os transcenda. Sem esse espírito, os esforços se perdem e ganham primazia os interesses menores. E vai-se resvalando, a ponto de o país correr o risco de se ver reduzido a butim disputado por grupos organizados de aventureiros.

As ameaças não faltam. Ainda agora, na área de ciência e tecnologia, recrudescem os esforços para solapar a informática nacional, laboriosamente construída com base em um esforço sem o qual jamais escaparemos das malhas da dependência nos setores de ponta que comandarão o desenvolvimento científico e tecnológico mundial nas próximas décadas.

O sentido real da representação política e da participação da nação na construção de seu destino precisa ser restabelecido. E a eleição direta do próximo presidente da República — nas nossas circunstâncias e para além de argumentos cuja insinceridade é transparente — é um passo fundamental nessa trajetória. As sociedades científicas da área das ciências sociais sintetizaram muito bem o pensamento da comunidade científica. Publicando seu documento, bem como outras matérias pertinentes, *Ciência Hoje* solidariza-se, também, com um movimento cuja grandeza e significado redimem o país e anunciam ventos que só podemos aguardar com ansiosa esperança.

Os editores

- *Tomar posição* — aqui, o sujeito, recorrendo, mais uma vez, às ideias do compromisso e do engajamento, valores em alta conta pelo superdestinatário, propugna a politização, que, comum às posições antiditadura, é, contudo, mais acentuada nos blocos basista-diretista e revolucionário;

- *Restabelecimento imediato das eleições diretas* — aqui o sujeito declara a sua adesão a uma bandeira que, aparentemente, unifica todas as posições contrárias à

ditadura. No entanto, ao imprimir tal ênfase às eleições, promove momentaneamente um silenciamento de vozes alinhadas aos blocos basista e revolucionário, para as quais as eleições, deixando intactas as estruturas de poder da sociedade, não resolvem os problemas do povo. De qualquer modo, essas vozes se insurgem contra esse silenciamento, a ponto de o sujeito, em réplica dialógica, responder a elas no instante seguinte, afirmando não supor “que esta mudança possa vir a resolver, num passe de mágica, os graves problemas por que o país vem passando.” No mesmo período, verifica-se também, já no começo, outra réplica dialógica, por meio da qual o sujeito antecipa-se às vozes provenientes do seu próprio bloco discursivo e do bloco autoritário-tutelar, que criticariam o possível caráter político-partidário dessa atitude da SBPC, ao que ele responde declarando que a defesa das eleições diretas não significa abdicar “de sua postura de intransigente afastamento de toda e qualquer atividade político-partidária.”

- *Ingressa na luta pelas diretas* – a valorização da ideia de luta, ainda que contemplada também pelo bloco legal-representacionista, exprime sobretudo as posições dos blocos basista-diretista e revolucionário. Antecipando-se novamente a possíveis objeções, o sujeito justifica sua ação, associando a luta pelas diretas com o reencontro da nação consigo mesma. De um só golpe, propõe, assim, uma interpretação da história política recente do país, segundo a qual a nação estaria cindida, distanciada, afastada de si mesma, e atribui à luta pelas diretas um alto significado, na medida em que representa uma das faces da reversão desse quadro.

- *O sentido real da representação política e da participação da nação na construção de seu destino precisa ser restabelecido.* Aqui, novamente, a expressão de um valor que, aparentando corresponder às posições de todos os blocos discursivos contrários à ditadura militar, na realidade coloca em primeiro plano uma dessas posições (não por acaso aquela com a qual o sujeito se identifica), assentada no elogio das ideias de representação e de nação, muito criticadas, a primeira pelo bloco basista-diretista, e a segunda pelo bloco revolucionário.

No campo disforizado, podem ser assinalados os procedimentos abaixo, em que a referência se dá por meio de termos que atacam abertamente a posição ideológico-discursiva da ditadura, transformada, nas passagens destacadas, em objeto do dizer do discurso do sujeito.

- *o autoritarismo e a falta de apoio efetivo;*
- *pela arrogância tecnocrática;*
- *equívocos da política do governo;*
- *malogrado e dispendioso programa nuclear.*

No que diz respeito à forma como determinadas características temáticas, estilísticas e composicionais do gênero interagem dialogicamente para se realizar no enunciado, cabe mencionar alguns procedimentos.

Um deles é o dialogismo da construção interna, que se verifica, por exemplo, na organização dos parágrafos. Note-se como o segundo parágrafo organiza-se como uma resposta antecipada a possíveis perguntas do destinatário sobre as informações e o raciocínio desenvolvidos no primeiro parágrafo. Uma das formulações dessas perguntas poderia ser: “O que tudo isto tem a ver com a ciência e os cientistas?”, ao que, no segundo parágrafo, o sujeito responde, ligando o desenvolvimento da ciência com as

relações de poder e apresentando, desse modo, uma justificativa aberta para a politização do seu discurso.

O terceiro parágrafo, por sua vez, pode ser lido em bloco como uma resposta antecipada a vozes, presentes em vários outros momentos nos enunciados de *Ciência Hoje*, que, ante os dois parágrafos iniciais, questionariam se realmente é o caso de a comunidade científica assumir esse envolvimento mais geral ou se manter na defesa apenas dos interesses do seu campo. Ante esse questionamento, o sujeito justifica-se respondendo que as advertências dos cientistas jamais foram ouvidas e que os assuntos relativos ao mundo da ciência no país são tratados sem que sejam “adequadamente discutidos com a comunidade científica.”

No quarto parágrafo, o enunciado direciona tudo o que foi apresentado anteriormente para a discussão das relações de poder, portanto, para a politização. Neste ponto, as potencialidades retóricas do gênero são exploradas intensamente (Urge buscar [...] Urge procurar), numa construção em que sobressai o tom de manifesto, fechando-se o parágrafo com a advertência de que o país pode “correr o risco de se ver reduzido a butim disputado por grupos organizados de aventureiros”, expressão cujo referente não é claro. Trata-se de grupos da esquerda radical? Trata-se de grupos empresariais irresponsáveis e predatórios? Ou se trata de interesses internacionais de olho nas riquezas do país? O parágrafo seguinte, se não elimina definitivamente a ambiguidade, ao menos indica um dos referentes visados, identificado com “os esforços para solapar [um verbo de forte ressonância oratória] a informática nacional.”

Como se vê, o editorial em foco, distancia-se do caráter ameno dos anteriores e assume uma subida no tom de politização, delimitando de maneira bem mais clara as posições em confronto no seu território. Destaque-se, além disso, a forte presença da idéia de nação, um signo que, conforme veremos pela análise dos editoriais a seguir, será um dos principais núcleos discursivos de *Ciência Hoje* tanto na segunda metade da década de 1980 quanto na década de 90.

Considerações finais

A principal conclusão a que a análise do editorial focalizado permite chegar é que o dialogismo e a responsividade inscritos no discurso de *Ciência Hoje* durante a década de 1980 manifestam-se sobretudo pelo alto grau de politização e de retorização assumido pela revista como um todo e, em particular, pelos seus editoriais. Nesse sentido, pode-se dizer que a questionamentos, indagações e demandas lançadas por um contexto discursivo extremamente politizado e retorizado, a SBPC responde, por meio de *Ciência Hoje*, de forma também politizada e retorizada.

Daí ser possível perceber a presença de posições ideológico-discursivas que dialogam no território dos enunciados da revista, posições estas que foram, para efeito de análise, agrupadas aqui em quatro blocos que constituem uma amostra bastante representativa dos principais embates políticos travados na sociedade brasileira na virada dos anos 70 para os anos 80.

Além disso, a análise permite também perceber que o dialogismo e a responsividade também se verificam em mecanismos de referenciação, na medida em que se realizam por meio do encontro das propriedades concreto-semânticas das palavras com as injunções do contexto histórico social. Daí a constatação da recorrência, no discurso da revista, de signos como *democracia*, *cidadania*, *participação*, *população*, *público*, *direitos* e outros em que se imprimem com maior

intensidade as ideias-força do momento em foco. No que diz respeito aos processos discursivos não manifestos concretamente na superfície linguística, foi utilizada a noção de *relações dialógicas*, com o objetivo de mostrar como, no todo dos editoriais, os elementos de composição articulam o intuito discursivo do sujeito com as determinações da realidade histórico-social, ficando, também nesse caso, evidente que, na década de 80, as relações do discurso da SBPC com os outros discursos são regidas pelos impulsos da politização e da retorização.

Por fim, cabe dizer que um dos apontamentos que resulta da análise é que os anos 80 representam um período da história brasileira em que o desejo de emancipação e ação autônoma de sujeitos históricos conscientes parece estar bem perto de concretização, o que se reflete e se refrata de várias maneiras na produção discursiva de vários atores, entre eles a SBPC, cuja atuação, a partir de meados dos anos 70, é uma das mais efetivas na luta contra a ditadura militar e em favor da democratização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso [1952-1953]. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

_____. O discurso no romance 1934-1935]. In: _____ *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. p. 71-210.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski* [1963]. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 341p.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Anpocs, 1995. 353 p.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 328 p.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas, 1999. 149 p.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades eclesiais de base: bases teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1988. 270 p.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001. 192 p.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto [1959-1961]. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 327-358.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária [1924]. In: _____. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini e outros. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. p. 13-70.

- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. 263p.
- _____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. 223 p.
- FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Tradução de Marcos Bagno. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/Anpocs/CNPq, 1990. 292 p.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *A produção do real em gêneros do jornal impresso*. São Paulo: Humanitas, 2004. 248 p.
- _____. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 133-160
- GRILLO, Sheila V. C; DOBRANSZKY, Enid A; LAPLANE, Adriana L. F. Mídia impressa e educação científica: uma análise das marcas do funcionamento discursivo em três publicações. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 24, n. 63, p. 215-236, mai/ago 2004.
- VOLOCHINOV, V. N./BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* [1929]. Tradução do francês de Michel Lahud e outros. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002. 196 p.